



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Adauto França, Sebastião

O apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jaru - Estado de Rondônia

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, núm. 2, 2009, pp. 169-182

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426642004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jaru – Estado de Rondônia

Sebastião Aduino França

*Centro Estadual de Educação para Jovens e Adultos de Jaru, Rua Goiás, 3143, setor 2, Jaru, Rondônia, Brasil.
E-mail: adautojaru@bol.com.br*

RESUMO. Neste ensaio, procuramos examinar o fenômeno do apagamento da vogal postônica não-final em palavras proparoxítonas de 36 falantes de fala dialetal das áreas urbana e rural de Jaru, Estado de Rondônia. Para isso, seguimos as bases teóricas da Sociolinguística, teoria que teve como precursor William Labov. Outras teorias que deram suporte a este trabalho foram: a Fonologia Prosódica e, principalmente, a Fonologia Métrica. Trata-se, pois, de pesquisa não-experimental, com enfoque e alcance quantitativos e descritivos, visando definir se a língua da região onde foi feita a pesquisa encontra-se em estado de variação ou de mudança linguísticas. Veremos que vários foram os grupos de fatores que influenciaram o apagamento da vogal postônica não-final e que a faixa etária foi o principal grupo que determinou sua ocorrência, seguido do tipo de entrevista e da escolaridade. Além de analisarmos os resultados obtidos e discuti-los, veremos, ainda, como se dá o processo de apagamento da vogal postônica acima descrita, como também a formação da proparoxítona.

Palavras-chave: linguística, fonologia prosódica, fonologia métrica, teoria da variação, varbrul.

ABSTRACT. The deletion of the post-tonic non-final vowel for dialect speakers from Jaru, Rondônia State (Brazil). This essay exams the phenomenon of syncope in post-tonic non-final vowel in proparoxytones from 36 dialect speakers in an urban and rural community of Jaru, Rondônia State (Brazil). We follow the theoretic bases of Sociolinguistics, a theory that had William Labov as its precursor. Other theories that are also important to develop this project were: Prosodic Phonology and especially Metric Phonology. Therefore, it is a non-experimental research with a quantitative, descriptive focus and aptitude. The aim is to define whether the language, from the region where the research has done, is in variation or in linguistic change. It has been shown that there are several factors that influenced the phenomenon of syncope in post-tonic non-final vowel, and age level was the principal group that determined its occurrence, followed by the interview type and educational level. Besides the analysis of the obtained results and discussion, it has been proved how the syncope of the post-tonic vowel occurs, as well as the formation of the proparoxytones.

Key words: linguistic, prosodic phonology, metric phonology, variation theory, Varbrul.

Introdução

As línguas de todo o mundo estão sujeitas a modificações fonológicas, fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e lexicais. Estudar e explicar essas modificações são tarefas do linguista. Para tanto, faz-se necessário que o linguista se dedique com afinco à abordagem dos aspectos linguísticos e extralinguísticos da fala.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar o fenômeno do apagamento da vogal postônica não-final (síncope) em proparoxítonas na fala rural e urbana do município de Jaru – Estado de Rondônia, contribuindo, dessa forma, para a descrição do português falado no Norte de nosso país.

Para que o objetivo acima seja alcançado, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a variação do fenômeno;
- verificar e indicar se a síncope nas proparoxítonas evidencia um estágio de variação estável ou um processo de mudança em progresso;
- demonstrar, com base nos postulados da Teoria Prosódica e, principalmente, da Teoria Métrica, que a síncope obedece à fonotática do português, sendo, portanto, previsível.

As hipóteses que dão base a esta pesquisa são:

- a) A variação das proparoxítonas é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, sendo que a faixa etária é o fator que mais influencia a ocorrência da síncope.

b) O fenômeno do apagamento da vogal postônica não-final continua a ocorrer na fala dos falantes mais velhos e menos escolarizados como uma regra geral, ao passo que na fala dos mais jovens e mais escolarizados ela é uma regra variável.

Na língua portuguesa, o fenômeno da síncope é muito comum, embora a sua origem tenha ocorrido no Latim Vulgar. Palavras como *tégula*>*telha*, *ópera*>*obra*, *hominis*>*homem*, *dominus*>*dono*, *calidus*>*caldo* são alguns poucos exemplos desse apagamento. Além disso, palavras com até cinco sílabas chegaram a reduzir-se a duas. Nunes (1969, p. 56), referindo-se a esse apagamento, afirma que:

As vogais átonas partilham da sorte das sílabas de mesmo nome; como estas, alteram-se e por vezes até desaparecem, mas quando persistem, tomam um som fraco e por vezes tão sumido que mal se faz sentir.

Compreender os fenômenos fonológicos que estão ocorrendo nas palavras proparoxítonas, as quais constituem a menor classe da língua portuguesa, é fundamental para que se possam ter registrados os processos que desencadeiam a paroxitonização. O estudo desse apagamento, na região de Jaru, Estado de Rondônia, tem como objetivo primordial apresentar a sistematicidade da variação linguística. Não temos como objetivo apresentar dados meramente quantitativos, mas, sim, demonstrar influências ligadas ao uso de algumas formas paroxitonizadas por parte dessa comunidade, respeitando suas origens, seu linguajar, suas tradições.

Procuraremos abordar outras alterações que porventura venham a ocorrer. Os estudos variacionistas, respeitando os conhecimentos empíricos adquiridos, têm procurado demonstrar de maneira clara e objetiva os fenômenos da variação linguística e procurado afirmar, a partir dos dados, se se trata de simples variação ou de mudança.

Outra justificativa para a realização deste trabalho é o fato de haver muitos estudos que tratam das vogais pretônicas, como os de Silva (1998), no qual a autora estuda a elevação das vogais médias pretônicas em contexto nasal no início de vocábulo na comunidade de João Pessoa, Soares (2004) que estuda as pretônicas médias em comunidades rurais do semiárido Baiano, Batisti (1993) que analisa a elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha etc., mas poucos sobre as postônicas, dentre os quais podemos citar os trabalhos de Amaral (1999), que trata da síncope nas proparoxítonas, e o de Nascentes (1922), em que o

autor apresenta uma proposta sobre a divisão dos falares brasileiros.

Variação linguística

Embora o estudo da variação linguística despertasse o interesse de estudiosos do assunto, ela, de uma maneira geral, esteve durante muito tempo relegada a segundo plano. Foi a partir dos estudos da variação quantitativa de Labov (1966) que a Teoria da Variação passou a receber mais atenção por parte dos linguistas.

Segundo Tarallo (1994), essa proposta teórica tem por objetivo analisar e sistematizar a variação existente na fala de uma comunidade linguística. Sendo a fala o principal objeto de estudo, é necessário que o registro dessa fala seja o mais fiel possível. Sabemos, porém, que alguns fatores, tais como, timidez, barulho, nervosismo etc., podem interferir de forma negativa durante a realização das entrevistas. Para amenizar esses problemas, o entrevistador deve procurar propor ao entrevistado um ambiente descontraído, tranquilo, pois a qualidade da amostra deve fornecer dados estatísticos confiáveis.

Metodologia

Como metodologia, analisaremos o fenômeno supracitado sob a óptica da Teoria da Variação, proposta teórica que tem por objetivo analisar e sistematizar a variação existente na fala de uma comunidade linguística (LABOV, 1966; 1972). Essa análise é estabelecida por meio de regras constituídas por um conjunto de categorias independentes que vão influir na ocorrência de uma variante. Dessa maneira, podemos dizer que a análise de uma regra variável tem por objetivo separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores condicionadores que poderão influenciar a escolha de uma ou outra variante linguística. O primeiro passo para realizarmos a análise de uma regra variável é identificar a variável linguística a ser tomada como objeto de estudo. Quando identificamos uma variante, automaticamente, definimos variantes, ou seja, quais as são as formas de expressão existentes. O passo seguinte consiste em determinar o envelope de variação, em outras palavras, definir o campo de aplicação. Os contextos que não apresentarem variação devem ser descartados, juntamente com aqueles que apresentarem variação irrelevante. Outro passo na elaboração de uma regra variável diz respeito aos fatores que podem influenciar a escolha de uma ou outra variante, ou, ainda, a aplicação da regra variável.

Esses fatores são organizados em grupos que indicam onde se dá o condicionamento. Por sua vez, cada fator deve ser representado por uma letra ou número, ao qual é atribuído um valor durante a preparação dos dados para a análise estatística. Concluída a preparação dos dados, dá-se início à análise quantitativa propriamente dita. Como dissemos, este estudo trata-se de pesquisa não-experimental, com enfoque e alcance quantitativos e descritivos, visando definir se a língua da região onde foi feita a pesquisa encontra-se em estado de variação ou de mudança linguísticas.

Para a realização de nossa análise, utilizamos o VARBRUL, pacote de programas criado em 1971 e que foi desenvolvido por Sankoff e Rousseau (CEDERGREN; SANKOFF, 1974) e Rousseau e Sankoff (1978), com o objetivo de dar suporte a modelos matemáticos que tratam estatisticamente de dados linguísticos variáveis.

Uma análise quantitativa de regra variável é obtida por meio de dados estatísticos de sua significância e de restrição. Dessa forma, é estabelecido um valor para cada fator envolvido na análise, ou seja, um número, entre zero (0) e um (1), indicará a média de aplicação da regra. Valores acima de 5,0 indicam que um determinado fator favorece a aplicação da regra; valores abaixo de 5,0 indicam que eles inibem a aplicação. Já valores iguais a 5,0 são considerados neutros, portanto, não favorecem nem inibem a aplicação da regra.

Guy (1993) afirma que o modelo logístico de Rosseau e Sankoff (1978) é o preferido pela maioria dos estudiosos da variação linguística. Esse modelo logístico utiliza a seguinte fórmula:

$$P / (1-P) = P_o / (1-P_o) \times (P_i / (1-P_i) \times P_j / (1-P_j) \times \dots \times P_k / (1-P_k))$$

em que P representa a probabilidade total de aplicação da regra no contexto de fatores; P_o representa a probabilidade de *input* que, por sua vez, estabelece o nível geral de aplicação da regra; e P_i representa o valor de fator associado com o fator i. Atualmente este modelo é o mais utilizado para análise de dados binários.

O programa varbrul: codificação e operacionalização

Esse programa foi criado em 1971 e desenvolvido por Sankoff e Rousseau (CEDERGREN; SANKOFF, 1974; ROUSSEAU; SANKOFF, 1978) com o intuito de realizar estatisticamente dados linguísticos variáveis. O VARBRUL é composto por um pacote de dez programas: CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB, MVARB, CROSSTAB, TSORT, TEXTSORT e

COUNTUP. Mas, para fazermos uma análise de regra variável, são necessários apenas o CHECKTOK, o READTOK, o MAKECELL e o IVARB para fenômenos binários. Para fenômenos ternários, é necessário o TVARB, e para fenômenos envolvendo quatro ou cinco variantes, empregamos o MVARB.

O primeiro passo, para a utilização desse programa, é criarmos três arquivos:

a) o arquivo de dados, que contém os dados codificados conforme os símbolos devidamente selecionados para a variável dependente e as variáveis independentes;

b) o arquivo de especificações, o qual contém os símbolos utilizados para a codificação dos dados;

c) o arquivo de condições, que contém o número de fatores ou grupos para a criação do arquivo de células.

O segundo passo é darmos início à execução do primeiro programa: o CHECKTOK, o qual exige como introdução um arquivo de dados e um arquivo de especificações. Sua função é comparar os símbolos desses dois arquivos com o objetivo de detectar erros de digitação ou de classificação no arquivo de dados. Não havendo nenhum erro, o CHECKTOK cria um novo arquivo de dados, que servirá como *input* para o programa seguinte, ou seja, o READTOK. A função deste outro programa é ler as ocorrências de um ou mais arquivos de dados e escrevê-las em um artigo de ocorrências, o qual servirá como *input* para o MAKECELL.

O MAKECELL cria o arquivo de células necessário para o IVARB, fornecendo o número de ocorrências do fenômeno e, em seguida, calcula o percentual de aplicação para cada fator. É muito importante que se tenha o arquivo de condições, uma vez que as recodificações que vierem a ser feitas aparecerão nele. Se o percentual de um determinado fator for 0 ou 100, será necessário eliminá-lo e executar novamente o MAKECELL para depois, então, dar prosseguimento à rodada dos programas.

Após o MAKECEL, damos início ao IVARB, o qual apresenta em seus resultados as percentagens e os pesos relativos encontrados para cada fator presente na análise em forma binária. O programa selecionará as variáveis, numa escala de importância estatística na aplicação da regra, por meio de um valor denominado 'nível de significância'. Com referência à interpretação dos pesos relativos que variam num intervalo entre 0 e 1, os valores que forem maiores que 0,50 são mais favorecedores à ocorrência da síncope.

O IVARB executa diversos níveis de análise. Primeiramente, ele realiza um processo conhecido

com *step up*, o qual vai do nível ‘zero’ ao nível ‘n’, em que ‘n’ corresponde ao número de variáveis. No nível inicial, ou seja, no nível zero, esse programa calcula o *input* da regra, isto é, a média global de aplicação da regra.

No nível 1, o programa calcula os pesos relativos dos fatores de cada variável isoladamente, apenas comparando com o *input*, e depois ele atribui a cada um desses pesos um *log likelihood* (o qual mede o grau de adequação do modelo aos dados) e um ‘nível de significância’, que na verdade é uma margem de erro. Em seguida, é feita a escolha de uma das variáveis, em primeiro lugar, com base nos parâmetros estatísticos e, depois, com base no número de fatores da variável.

Num segundo nível, o programa compara a variável selecionada com as outras variáveis, e seleciona a segunda variável mais importante do ponto de vista estatístico. Feito isso, ou seja, selecionadas as variáveis, o IVARB as compara com as demais para selecionar a terceira, e assim sucessivamente até que todas as variáveis relevantes estejam estatisticamente selecionadas.

Após a conclusão do *step up*, o programa executa o *step down*, que é um processo inverso que vai do nível ‘n’ ao nível 1, eliminando as variáveis que não são relevantes estatisticamente. As variáveis selecionadas no *step up* devem ser as mesmas que as eliminadas no *step down*, caso contrário, é necessário que seja realizada uma análise linguística mais detalhada.

Finalizando, cabe ressaltarmos que o número de rodadas do VARBRUL vai depender da estatística alcançada. Se julgarmos que os resultados alcançados na primeira rodada são significativos, paramos por aí; do contrário, necessitamos de fazer novas rodadas.

As proparoxítonas: um breve retrospecto

No seu livro *A língua de Eulália*, Bagno (2004, p. 111-112), referindo-se às proparoxítonas, cita que “Camões, nosso velho conhecido, em seu poema épico *Os Lusíadas* só usou 267 palavras proparoxítonas, o que equivale a apenas 5% de todo o vocabulário usado no poema” Bisol (2001, p. 133), também se referindo a elas, afirma:

Este grupo [o das proparoxítonas] é constituído principalmente por empréstimos do Latim e do Grego, os quais entraram na língua portuguesa a partir da Renascença, com o ressurgimento do interesse, por parte de escritores, artistas e estudiosos em geral, pelo período clássico [...] Uma evidência do caráter não-nativo destas palavras é o fato de que há uma tendência a regularizar o acento para a posição proparoxítona, através do apagamento da penúltima sílaba.

Além do mais, como dissemos, as proparoxítonas constituem o menor conjunto de palavras da língua portuguesa. Esse é um dos motivos que nos levam a considerá-las formas marcadas no léxico. Outro motivo é o fato de estas palavras sofrerem, geralmente, o apagamento de fonemas postônicos não-finais na fala, tornando-as paroxítonas. Muitas dessas formas paroxítonizadas já se encontram registradas nos dicionários, como ocorre com *ubre* < *úbere*, *corgo* < *córrego*.

O termo sinônimo para proparoxítono é ‘esdrúxulo’, palavra esta que é muito empregada em Portugal (MATEUS, 1975). Teve sua origem no Italiano (esdrúcciolo) e acreditamos que seu significado originário provenha do fato de os italianos estranharem o som ao pronunciá-lo. Isso, provavelmente, está relacionado à presença dos germânicos na Itália, uma vez que na língua deste povo empregava-se o termo *strulhôn* referindo-se às proparoxítonas, o qual significava ‘tropeçar’ (VASCONCELOS, 1912).

Na língua portuguesa, dois terços do vocabulário são compostos de palavras paroxítonas (graves) — aqui o termo ‘graves’ refere-se ao tipo de acento e deve ser tomado com o sentido de ‘longa duração’, em oposição às palavras oxítonas (agudas), cujo acento tem uma ‘breve duração’. As oxítonas compõem quase um terço do vocabulário, ficando as proparoxítonas (esdrúxulas ou dactílicas) — palavras formadas de uma sílaba longa e duas breves — com a menor parte. Massini-Cagliari (1992, p. 44) afirma que “[...] há uma predominância entre os autores no sentido de classificar o português como língua de ritmo acentual”. Como a maior parte de nosso vocabulário é formado de palavras paroxítonas, concluímos que o ritmo predominante na língua portuguesa é o grave.

A organização silábica: o pé

O fato de haver sílabas com maior proeminência do que outras deu origem ao que se convencionou chamar de ‘pé’. O tipo de pé mais comum é conhecido como binário e é formado por uma sílaba forte e outra fraca. À sílaba forte dá-se o nome de cabeça do pé. Assim, os pés podem ter cabeça à esquerda ou à direita. Os pés com cabeça à esquerda são chamados de troqueus. Já os pés de cabeça à direita são chamados de iambos. Quanto aos troqueus, há os formados por duas sílabas (troqueus silábicos), que ocorrem em sistemas não-sensíveis ao peso silábico; e troqueus formados por duas moras (troqueus móricos), em sistemas sensíveis ao peso.

Na língua portuguesa, podemos encontrar os seguintes tipos de pés (Figura 1):

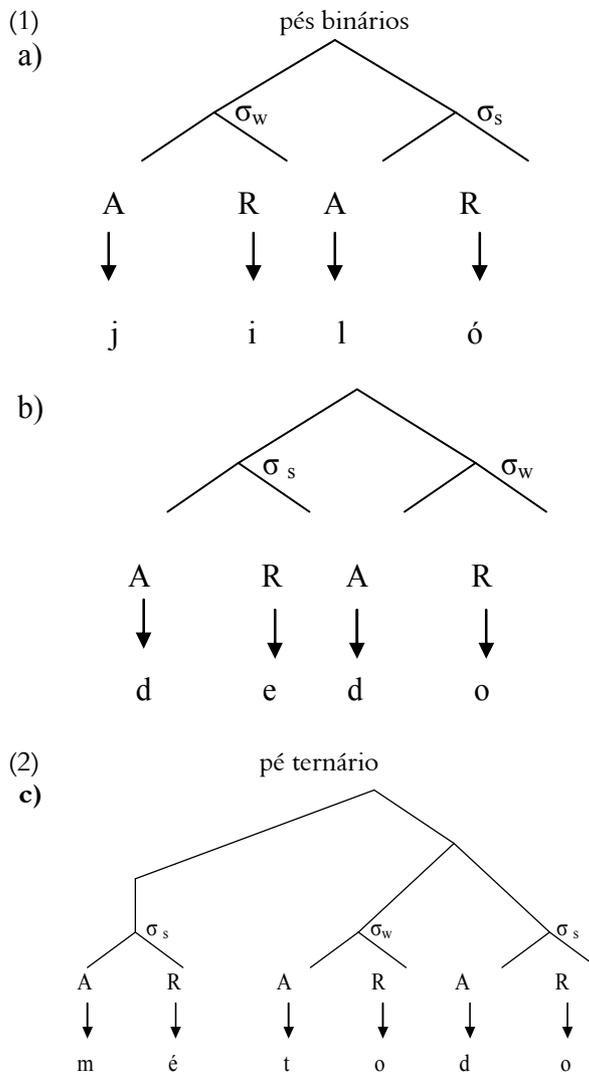


Figura 1. Tipos de pés

Em (1) a) o tipo de pé que ocorre é o iambo, em (1) b), um troqueu e em (2) c), um dátilo.

A maioria dos estudos realizados no Brasil aponta que o tipo de pé que ocorre em nosso idioma é o binário. Para Hayes (1992), as palavras proparoxítonas constituem uma classe que foge à regra geral de acentuação. Como no português o tipo de pé básico é o binário, necessário é que se faça uso da extrametricidade para evitar pés ternários. Já Bisol (1992) afirma que as proparoxítonas possuem pés ternários na forma subjacente, mas no nível de superfície possuem pés binários. Neste trabalho, procuraremos ratificar a afirmativa de que o pé métrico do português é o troqueu silábico.

Análise e discussão dos resultados

Conforme os postulados de Guy e Bisol (1991), os resultados quantitativos também devem ser usados para formular ou avaliar teorias.

Discutiremos de agora em diante os resultados apontados pelo programa VARBRUL 2000 (versão 1992) a respeito do apagamento da vogal postônica não-final.

Para demonstrar esses resultados, utilizaremos tabelas e figuras, destacando as aplicações, frequências e pesos relativos.

As variáveis selecionadas na ordem de prioridade foram as seguintes:

- I – faixa etária;
- II – tipo de entrevista;
- III – escolaridade;
- IV – contexto fonológico precedente;
- V – sexo;
- VI – traços de articulação da vogal;
- VII – contexto fonológico seguinte.

As variáveis ‘estrutura silábica precedente e extensão da palavra’ não foram selecionadas pelo programa, mas ainda assim faremos algumas considerações a seu respeito.

Apresentamos, na Figura 2, os resultados gerais apontados pelo VARBRUL em ordem de prioridade.

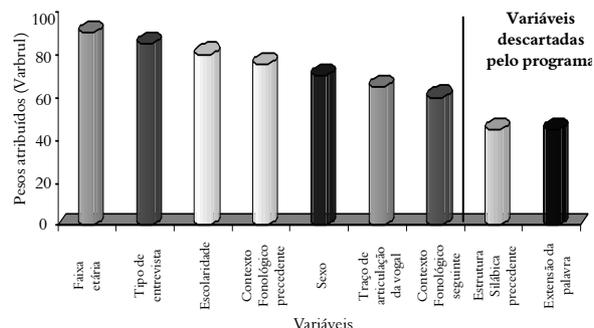


Figura 2. Resultados gerais apontados pelo Varbrul.

Como podemos observar, a variável ‘faixa etária’ foi selecionada como a variável que mais influencia o apagamento da vogal postônica não-final. Por outro lado, vemos que a variável ‘contexto fonológico seguinte’ foi a que menos influenciou o apagamento, seguida pelas variáveis ‘estrutura silábica precedente e extensão da palavra’. Essas duas últimas variáveis não influenciaram o apagamento, sendo, portanto, descartadas pelo programa. As demais variáveis, em forma decrescente, também demonstram influenciar o apagamento.

Análise da variável ‘faixa etária’

Os resultados demonstram que a variável *faixa etária* é a mais importante para que o apagamento ocorra, sendo que os mais idosos (mais de 40 anos) se destacam na aplicação da regra. Vejamos, na Tabela 1, os pesos relativos correspondentes.

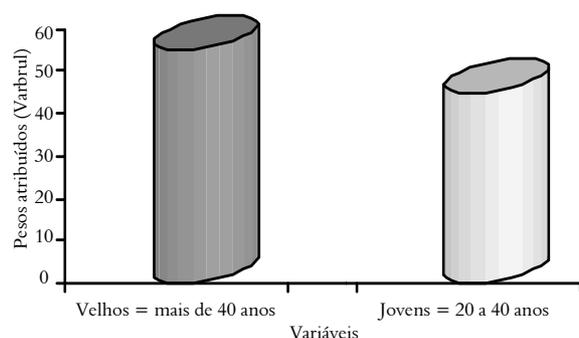
Tabela 1. Variável faixa etária.

Fatores	Apl./Total	%	P. Rel.
(jovens)	358/1600	22	.45
(idosos)	446/1600	28	.55

268 células, input .84

Como podemos observar, os mais idosos (.55) apagam mais a vogal postônica não-final do que os jovens (.45).

Como foi dito, dividimos os informantes em duas faixas etárias: de 20 a 40 anos e de mais de 40 anos. Os resultados comprovam nossa hipótese, ou seja, apontam que os mais velhos (mais de 40 anos) tendem a apagar mais que os jovens (de 20 a 40 anos). Vejamos a Figura 3:

**Figura 3.** Variável faixa etária.

Paiva e Duarte (2006) afirmam que, dentre as variáveis sociais, as diferenças etárias são o primeiro indicador social, embora não absoluto, de mudança em progresso na língua. A Figura 2 demonstra que o apagamento da vogal postônica não-final ocorre com maior frequência entre os mais idosos, apresentando indício de que a língua está num processo de mudança em progresso.

Análise da variável 'tipo de entrevista'

Labov enfatizou que o estudo da língua deve se dar em situações naturais de comunicação (LABOV, 1972). Porém, segundo ele, esse estudo deve ser feito de forma sistemática. A essa aparente contradição Labov chamou de 'paradoxo do pesquisador'. Procurando seguir a orientação de Labov, dividimos nossa entrevista em dois tipos: dirigida e livre. Porém, sabemos que a presença de um gravador e de um entrevistador inibe essa 'naturalidade'. Foi para atenuar a inibição por parte do entrevistado que utilizamos em nossa entrevista dois meios: um questionário e a conversação livre. O tipo de questionário utilizado foi o indireto, o qual consiste em formular perguntas mostrando o objeto ou o desenho, como, por exemplo: 'Que desenho (ou objeto se for o caso) é esse?'

Já a conversação livre proporciona ao entrevistado a oportunidade de relatar experiências pessoais, fazendo com que ele se sinta mais à vontade. Por outro lado, o entrevistador deve ficar mais atento para que não perca muito tempo coletando dados que não o ajudarão na pesquisa. Por isso, ele deve procurar instigar de maneira bem sutil o entrevistado para levá-lo a pronunciar as palavras que realmente façam parte da pesquisa.

A entrevista dirigida era composta de 20 interrogações diretas, tais como: O que as pessoas utilizam no carnaval para esconder o rosto? Como se chama o órgão do corpo feminino onde o feto se desenvolve? Como se chama a área de terra que fica localizada próximo à cidade e que é menor do que o sítio? Como se chama a pedra preciosa que é encontrada dentro das ostras? Como se chama o período correspondente a cem anos? Como se chama o objeto utilizado pelas pessoas para tomar café de manhã? etc. As respostas esperadas para essas perguntas eram: máscara, útero, chácara, pérola, século e xícara. Compunham ainda a entrevista dirigida, 20 proposições indiretas, nas quais propúnhamos frases faladas, as quais deveriam ser completadas corretamente, como por exemplo: Um carro que consome pouco é conhecido como carro..... As pessoas colocam nas armas de fogo para que estas possam disparar. Ao ligar o rádio, as pessoas gostam de ouvir belas Devemos plantar..... para termos ar puro. Para terem saúde as pessoas devem fazer exercícios Os riachos também são conhecidos como etc., cujas completivas esperadas eram as seguintes: econômico, pólvora, músicas, árvores, físicos e córregos.

Quando não obtínhamos a resposta que desejávamos, mostrávamos aos entrevistados alguns desenhos que representavam a resposta que queríamos que fosse dita. Desse modo, podemos afirmar que obtivemos grande êxito em nossa pesquisa, embora nem sempre obtivéssemos todas as respostas que queríamos. Uma preocupação a mais que procuramos ter foi a de representar fielmente os desenhos que eram mostrados aos entrevistados, bem como a de registrar com fidelidade os dados obtidos; quando alguma resposta não atingia o objetivo da pesquisa, modificávamos as questões, procurando facilitá-las ao máximo para que o objetivo fosse atingido.

Já a segunda parte da entrevista baseava-se num diálogo em que propúnhamos aos entrevistados que contassem como foram suas infâncias naquele lugar: quais as maiores dificuldades enfrentadas, como

eram os córregos se comparados aos da atualidade, como era o trânsito, se havia assistência médica, quais as doenças existentes, se havia muitas pessoas com úlceras etc. Essa parte da entrevista foi a mais difícil, pois não podíamos interromper os relatos para que eles pudessem se sentir mais à vontade, mas também tínhamos que orientá-los para que proferissem as palavras que desejávamos que dissessem, o que nem sempre conseguíamos. Tínhamos, então, que agendar uma outra entrevista para que conseguíssemos obter sucesso. Na Tabela 2 apresentamos os resultados apontados pelo VARBRUL:

Tabela 2. Variável tipo de entrevista.

Fatores	Apl./ Total	%	P. Rel.
dirigida	438 / 1788	24	.48
livre	366 / 1412	26	.50

268 células, input .84

Como podemos ver, tanto o peso relativo da entrevista dirigida (.48) quanto o da entrevista livre (.50) não favorecem nem inibem muito o processo de apagamento da vogal postônica não-final, pois se aproximam do ponto neutro. Contudo, a entrevista livre ainda influencia mais o processo do que a dirigida (Figura 4). Isso demonstra o que já esperávamos: a fala natural, livre, tende ao apagamento em oposição à fala dirigida, pois nesta última, o falante tende a ser mais cauteloso nas respostas.

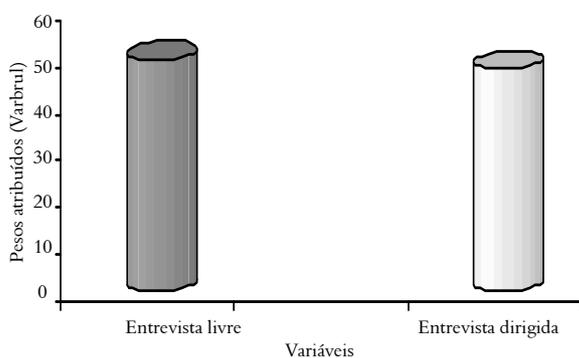


Figura 4. Variável tipo de entrevista.

Análise da variável 'escolaridade'

Esse fator tem sido objeto de estudo num grande número de obras recentes, principalmente, naquelas que tratam do preconceito linguístico. As pessoas com menos anos de escolarização têm sofrido grande discriminação por usarem formas variantes não-padrão. E muitas escolas não podem negar que elas têm sua parcela de culpa, pois sempre primaram em ensinar apenas a norma-padrão, relegando a

segundo plano não apenas o uso das demais variantes, como também seu estudo.

Os estudos recentemente realizados, principalmente, pela sociolinguística, têm procurado acabar com o preconceito linguístico, enfatizando que as variações diatópicas e diastráticas são, plenamente, aceitáveis e explicáveis, uma vez que obedecem à fonotática da Língua Portuguesa. Sabemos que embora o falante não tenha clara consciência de como se dão os processos fonológicos, ele os pratica de modo cabalmente correto. Um exemplo disso é a própria redução das proparoxítonas em paroxítonas pelos menos escolarizados, uma vez que a fazem de maneira plenamente aceitável, pois o fenômeno constitui apenas um processo que, como vimos, teve sua origem no latim vulgar.

Nossa hipótese era de que os informantes mais escolarizados usam mais a forma padrão, tidas como forma mais prestigiada, ao contrário dos menos escolarizados, que utilizam as variantes não-padrão, tidas como estigmatizadas. Os resultados confirmaram nossa hipótese, como podemos observar na Tabela 3.

Tabela 3. Variável escolaridade.

Fatores	Apl./Total	%	P. Rel.
0 a 5 anos	94/1602	44	.80
5 a 11 anos	710/1598	6	.20

268 células, input .84

O peso relativo referente às pessoas menos escolarizadas (.80) indica um alto índice de apagamento da vogal postônica não-final, ao passo que o das pessoas mais escolarizadas (.20) aponta pouco apagamento. Isso se dá porque a escolarização prima pelo ensino da norma-padrão. Um fato interessante demonstrado pela pesquisa é que alguns entrevistados, embora tenham estudado mais de cinco anos, continuam empregando a síncope. Isso, provavelmente, deve-se ao fato de, após alcançarem uma determinada série, terem abandonado seus estudos, deixando, assim, de sofrer a influência da escolarização, e por isso, passaram a empregar as variantes do grupo em que vivem, pois, dessa forma, pretendem demonstrar que, embora escolarizados, ainda são as mesmas pessoas com quem as demais conviveram e que não se tornaram diferentes destas.

A Figura 5 nos permite afirmar que quanto menos escolarizada for a pessoa, maior será o índice de apagamento.

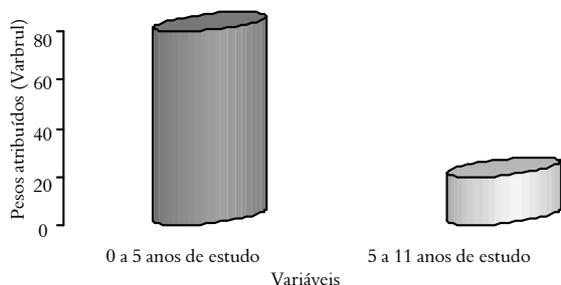


Figura 5. Variável escolaridade.

Análise da variável 'contexto fonológico precedente'

Esta variável também tem influência na ocorrência da síncope. Como dissemos, o contexto fonológico precedente refere-se ao ambiente ocupado pelos fonemas que precedem a vogal que sofre o fenômeno do apagamento.

A importância dessa variável justifica-se pelo seguinte motivo: após a queda da vogal, o fonema que sobrar (quando consoante) formará uma nova sílaba com o fonema da sílaba seguinte: *chácara* > *chacra*, *árvore* > *arvre*, *abóbora* > *abobra*, ou seja, ao apagar a vogal postônica não-final, o falante forma uma nova sílaba, obedecendo aos padrões silábicos de sua língua.

Na Tabela 4, verificamos os pesos relativos apontados pelo VARBRUL em relação ao 'contexto fonológico precedente'.

Tabela 4. Variável contexto fonológico precedente.

Fatores	Apl.Total	%	P. Rel.
velar	236/576	41	.76
alveolar	272/1186	23	.71
labial	250/1152	22	.58
vogal Coronal i	6/30	20	.51
palatal	40/256	16	.39

268 células, input .84

Observamos que as consoantes velares 'K' e 'g' (.76) 'são as que mais favorecem o apagamento, como ocorre em 'máscara > mascra' e 'polígono > poliglo', seguidas das alveolares (.71), das labiais (.58) e da vogal coronal i (.51), sendo que esta última aproxima-se do ponto neutro. Já as palatais (.39) atuam como inibidoras da síncope (Figura 6):

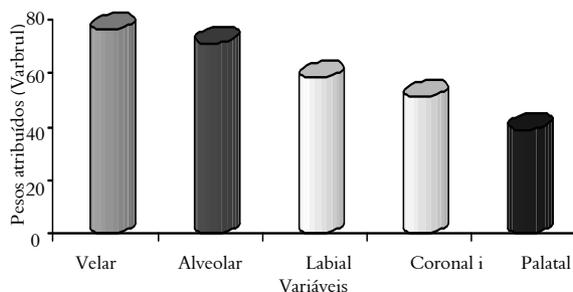


Figura 6. Variável contexto fonológico precedente.

Análise da variável sexo

Os trabalhos realizados abordando essa variável têm demonstrado que os homens apagam mais a vogal postônica não-final do que as mulheres, ou seja, eles utilizam mais a paroxitonização do que elas. Labov (1991) procura demonstrar que muitas mudanças que ocorrem nos sistemas linguísticos são influenciadas por alguns fatores externos, tais como guerras, epidemias, migrações, invasões etc., fatores estes que afetam diretamente a comunidade linguística onde ocorrem. Sabemos, ainda, que em situações informais as mulheres tendem a empregar formas que demonstram mais afetividade do que as empregadas pelos homens. Exemplos disso são algumas formas diminutivas: 'bonitinho, engraçadinho, lindinho' etc. A busca por melhores oportunidades de realização profissional por parte das mulheres também influencia a escolha de uma ou outra forma. Assim, elas tendem a empregar mais a forma padrão do que os homens como forma de enfrentar os preconceitos sociais, pois na sociedade moderna os homens recebem salários maiores, mesmo que apresentem a mesma escolaridade e ocupem a mesma posição que elas.

Em nossa pesquisa, os resultados apontam para um emprego equivalente entre homens e mulheres, como pode ser observado na Tabela 5.

Tabela 5. Variável sexo.

Fatores	Apl.Total	%	P. Rel.
homens	408/1600	25	.51
mulheres	396/1600	25	.49

268 células, input .84

Vemos que tanto o peso relativo dos homens (.51) quanto o das mulheres (.49) aproximam-se do ponto neutro. Assim, a pesquisa indica que tanto homens quanto mulheres apagam quase que igualmente a vogal postônica não-final. Embora esse resultado não fosse esperado, pois nossa hipótese era a de que os homens empregariam mais a síncope, ele demonstra que a variável sexo não tem grande influência no apagamento.

A Figura 7 demonstra por meio das duas Figuras que a variável sexo não é muito significativa no apagamento da vogal postônica não-final.

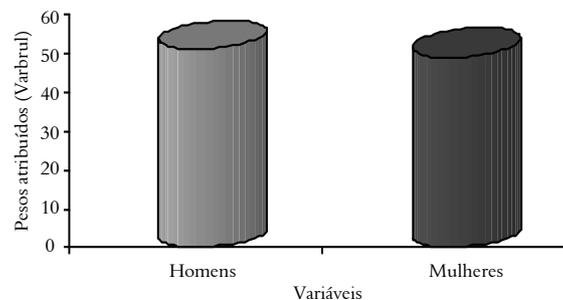


Figura 7. Variável sexo.

Análise da variável 'traço da vogal'

Vimos que essa variável foi a sexta selecionada pelo programa na ordem de significância. Em relação a ela, os resultados são os seguintes (Tabela 6).

Tabela 6. Variável traço da vogal.

Fatores	Apl.Total	%	P. Rel.
labial	352/1152	31	.58
dorsal	210/832	25	.45
coronal	242/1216	20	.45
Total	8043200	25	

268 células, input. 84

Percebemos, na tabela 6, que as vogais labiais que constituem as sílabas átonas não-finais, favorecem o apagamento (.58). Já a vogal dorsal (.45) e as vogais coronais (.45) inibem a síncope. Desta forma, os resultados reafirmam nossa hipótese, ou seja, a maior influência no apagamento é exercida pelas vogais labiais.

A maioria dos estudos realizados sobre os traços de articulação das vogais tem demonstrado que a vogal /e/ tem se realizado como /i/ e que /o/ tem sofrido a elevação, sendo realizado como /u/: pêssego>pêssigu, fósforo>fósfruru. Os resultados de nossa pesquisa indicam que as vogais /e/ e /i/ dificultam o apagamento, uma vez que se aproximam do ponto neutro (.45) (Figura 8). Palavras como **véspira/* e **medko/* não ocorreram. Quanto à dorsal /a/, vimos que ela é, das vogais, a mais resistente à mudança (NUNES, 1969). O resultado (.45) demonstra que essa vogal, assim como /e/ e /i/, inibe o apagamento, embora tenhamos encontrado algumas formas, tais como: *chacra*, *mascra* e *petla*, correspondendo, respectivamente, à chácara, máscara e pétala. Daí concluímos que, das vogais, as coronais são as mais resistentes ao processo de ocorrência da síncope e que palavras como **véspira* (véspera) e **proxmo* (próximo) não ocorrem. Já as labiais /u/ e /o/ são as que mais favorecem o processo de apagamento: *músculo*>musclu, *óculos*>oclus, *abóbora*>abobra, *árvore*>arvre, *fósforo*>fosfru.

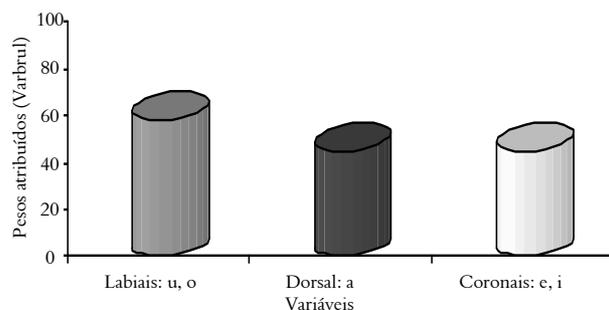


Figura 8. Variável traço da vogal.

Análise da variável 'contexto fonológico seguinte'

Esta foi a última variável selecionada pelo programa. Na Tabela 7, observamos que os resultados indicam que a líquida lateral foi a consoante que mais influenciou o apagamento (.62): *século*>séclu, *óculos*>óclus, seguida da líquida vibrante (.59): *abóbora*>abobra, *máscara*>mascra. Por outro lado, as não-líquidas (nasais, oclusivas e fricativas) são as que menos favoreceram o apagamento (.39): *Jerônimo*>Jeromo, *relâmpago*>relampo, *filósofo*>filosfo.

Tabela 7. Variável contexto fonológico seguinte.

Fatores	Apl.Total	%	P. Rel.
nasais, oclusivas e fricativas	276/1536	18	.39
líquida vibrante	322/1088	30	.59
líquida lateral	206/576	36	.62

268 células, input. 84

Como ficou demonstrado na tabela 7, a consoante líquida lateral foi a que mais influenciou o apagamento da vogal postônica não-final (.62), e as nasais, oclusivas e fricativas, as que menos influenciaram o apagamento (.39). Isso nos leva a crer que há, na fala, algumas preferências por algumas estruturas linguísticas em detrimento de outras. Vennemann (1988) propôs as *Leis Preferenciais*, nas quais sugere que há um ordenamento nos sons da fala, cuja variação no traço de força corresponde ao grau de soância e de abertura do segmento.

Nas Leis Preferenciais, que são também leis universais, Vennemann especifica os padrões silábicos preferidos das línguas naturais e a variação da estrutura silábica. Dessa forma, Vennemann (1988) sugere que a estrutura linguística seja classificada em melhor ou pior, conforme algumas propriedades da língua. Para ele, a estrutura (CV.CV.CV) é ótima, porém a apócope, a ditongação e a síncope pioram essa estrutura. Isso se dá porque esses fenômenos transformam uma estrutura simples numa estrutura complexa, como, por exemplo, ocorre com a forma 'córrego', forma esta que por síncope passa da estrutura simples CV.CV.CV (melhor) para a estrutura complexa CVC.CV (pior). Na obra, o autor ainda propõe a *Força Universal de Consoante*, segundo a qual ele defende que as línguas possuem sequências sonoras que podem variar conforme os contextos prosódicos e sintagmáticos. Essa variação ocorre por um grau de desvio da corrente de ar soante, provocando um ordenamento nos sons da fala. A escala seguinte procura demonstrar essa ordenação (Figura 9).

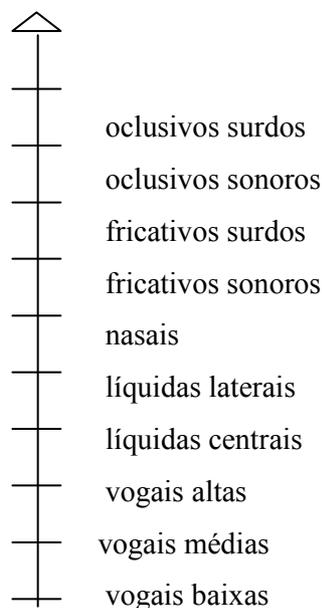


Figura 9. Escala de força consonantal crescente.

Percebemos, na Figura 8, que a líquida vibrante /r/ é, das consoantes, a que tem menor força consonantal, logo maior soância, sendo seguida pela líquida lateral /l/. Sendo assim, o apagamento da vogal diante da líquida favorece a formação de um grupo consonantal bem-formado: *óculos*>*óclus*, *músculo*>*músclo*, *árvore*>*arvre*, *abóbora*>*abobra*. Por outro lado, os sons mais resistentes ao apagamento são os oclusivos surdos, ao passo que os menos resistentes são as vogais baixas, ou seja, /a/, /e/ e /i/.

Embora não haja consenso quanto ao grau de soância dos fonemas entre alguns linguistas e algumas escalas indiquem que a líquida vibrante é melhor formadora de um ataque complexo do que a líquida lateral, os resultados de nossa pesquisa apontaram que esta última é favorecedora do processo de apagamento.

Já a escala de Clements e Hume (1995) coloca a líquida lateral e a líquida vibrante em igualdade de sonoridade (Figura 10).

O	<	N	<	L	<	G	<	V	
-	-	-	-	-	-	-	-	+	silábico
-	-	-	-	-	-	+	+	+	vocoide
-	-	-	+	+	+	+	+	+	aproximante
-	+	+	+	+	+	+	+	+	soante
0	1	2	3	4	4	4	4	4	grau de soância

Figura 10. Escala de soância.

Em português, o padrão silábico CCV permite a formação de um ataque complexo, desde que a

segunda consoante seja uma líquida: *século*>*séclu*, *abóbora*>*abobra*. Isso se dá porque, após a queda da vogal postônica não-final, surge um novo padrão silábico obediente à fonotática da língua. Apesar de a presença de grupos consonantais formados pela vibrante ser maior no português (br, cr, dr, fr, gr, pr, tr e vr) do que o grupo formado pela lateral (cl, dl, tl e vl), os resultados de nossa pesquisa, como foi dito, apontaram um peso relativo maior para este último grupo (.62) (Figura 11): *óculos*>*óclus*, *pétala*>*petla*.

Quanto às nasais, oclusivas e fricativas o peso relativo (.39) demonstrou que elas são desfavorecedoras do processo, uma vez que, após a queda da vogal, não formam um grupo licenciado pelo sistema linguístico: *relâmpago*>**relamppo*, *década*>**dekda*. Desta forma, as nasais, oclusivas e fricativas tendem a cair, e a consoante precedente juntar-se à última vogal formando uma nova sílaba: **relamppo*>*relampo*, **dekda*>*deca*. Outro fenômeno que pudemos constatar na pesquisa é a ocorrência da 'perda compensatória', ou seja, com a queda da vogal que segue a nasal labial, esta última passa a ser seguida por uma homorgânica: *estômago*>*istombo*.

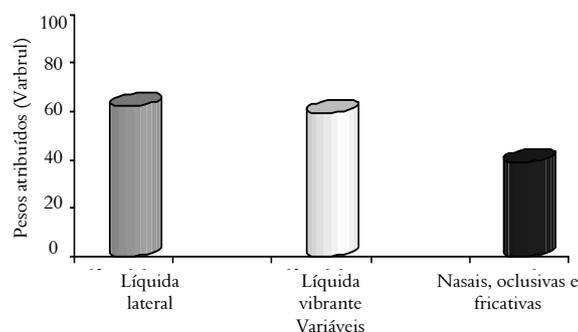


Figura 11. Variável contexto fonológico seguinte.

Variáveis descartadas pelo programa

O programa VARBRUL descartou as seguintes variáveis:

Estrutura silábica precedente

Para que pudéssemos obter o resultado do peso relativo dessa variável, levamos em consideração a seguinte estrutura silábica: sílaba leve, aquela terminada em vogal; sílaba pesada, aquela terminada em consoante. O programa descartou essa variável, pois apresentou os seguintes resultados (Tabela 8):

Tabela 8. Variável estrutura silábica precedente.

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
leve	264 / 1024	26%	.50
pesada	138 / 576	24%	.50
Total	402 / 1600	25%	

268 células, input . 84

Como podemos depreender, ambas as variáveis apresentaram peso relativo neutro (.50), o que demonstra a sua não-influência no apagamento da vogal postônica não-final.

Antes de apresentarmos, apropriadamente, a discussão dos resultados, são necessárias algumas abordagens sobre a sílaba. No português, a sílaba possui uma estrutura de constituintes binária, ou seja, ataque e rima, sendo que a rima divide-se em pico (núcleo silábico) e coda. O ataque e a coda são opcionais. A sílaba que possui a estrutura CV é considerada leve ou aberta, e a que possui a estrutura CVC ou CVV é considerada pesada ou fechada. As generalizações que governam a ordem preferida de segmentos dentro da sílaba obedecem ao Princípio de Sequenciamento de Soância (PSS). Esse princípio estabelece que, a partir de uma escala de soância, os seguimentos que possuem a posição mais alta na escala ocupam o núcleo da sílaba.

Já os segmentos com posição mais baixa ocupam as margens, em outras palavras, ataque e coda. Segundo Clements e Hume (1995, p. 284), esse posicionamento permite a existência do “Ciclo de Soância”, o qual estabelece que a sílaba constitui uma curva que se inicia em ordem crescente de soância e termina em ordem decrescente. Exemplificando (Figura 12):

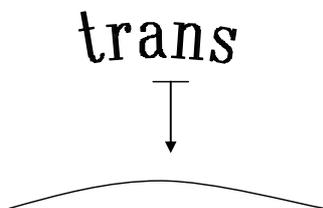


Figura 12. Sílaba: trans núcleo.

A escala de soância apresenta a seguinte ordem:

$$O < N < L < G < V$$

da qual depreendemos que: as obstruintes (O) são os sons menos soantes, ao passo que as vogais (V) são as mais soantes. Desta forma, sequências como tr, br, dr, fl, bl etc. são permitidas porque atendem ao PSS, ou seja, crescem em direção ao núcleo. Já sequências tais como: lt, lv, rt, rd etc. não são licenciadas, pois violam o PSS, uma vez que a soância decresce em relação ao núcleo.

A escala de soância, como já foi demonstrada, é expressa por meio das quatro maiores classes de traços, como podemos rever ao lado (Figura 13).

Percebemos, na Figura 12, que as vogais têm o maior grau de soância, ao passo que as obstruintes têm o menor.

Em português, somente os sons coronais /l/, /n/, /s/ /e/ /r/ podem ocupar a posição de coda, pois têm

menos soância do que as vogais que possuem soância máxima. Naro e Lemle (1976) afirmam que, segundo o Princípio de Saliência Fônica, palavras com mais material fonético são mais resistentes à mudança. Assim, as proparoxítonas cujas sílabas são pesadas tendem a ser preservadas. Contudo, os resultados de nossa pesquisa rechaçam essa afirmação, como veremos a seguir.

O	<	N	<	L	<	G	<	V	
-	-	-	-	-	-	-	-	+	silábico
-	-	-	-	-	-	+	-	+	vocoide
-	-	-	+	+	+	+	-	+	aproximante
-	+	-	+	+	+	+	-	+	soante
0	1	2	3	4	5	6	7	8	grau de soância

Figura 13. Escala de soância.

Os valores relativos apontados pelo VARBRUL (.50) para as duas variantes demonstram que não houve interferência desta variável no apagamento, como podemos observar na Figura 14.

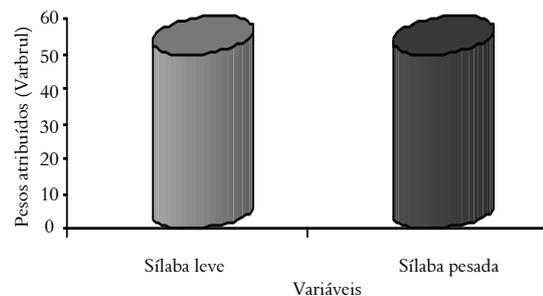


Figura 14. Variável estrutura silábica precedente.

Apesar disso, há trabalhos em que os resultados mostram a influência da variável ‘estrutura da sílaba anterior’ no apagamento. Como exemplo, citamos o trabalho de Amaral (1999).

Extensão da palavra

Embora essa variável tenha sido descartada pelo programa, apresentaremos o resultado obtido para que possamos tecer a análise que julgamos necessária.

A Tabela 9 indica que palavras trissílabas e polissílabas estão em pé de igualdade no apagamento, ou seja, o valor relativo é o mesmo para ambas.

Tabela 9. Variável extensão da palavra.

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
Trissílabas	321/1248	26%	.50
Polissílabas	81/352	23%	.50
Total	402/1600	25%	

268 células, input .84

que preenche plenamente as exigências da fonotática do português; é, portanto, previsível.

Por outro lado, o fator que menos influencia o apagamento é o 'contexto fonológico seguinte', sendo que a líquida lateral foi a consoante que mais propiciou a ocorrência da síncope: (.62): século > séclu, seguida da líquida vibrante (.59): máscara > mascra. O trabalho de Amaral (1999) apresenta resultado diferente do obtido por nossa pesquisa. Essa diferença deve-se, principalmente, ao fato de a escolha dos *corpus* também ser distinta.

Quanto à segmentação em pés, concluímos que o troqueu silábico é o que mais se ajusta aos padrões de nossa língua. No que diz respeito à teoria empregada, constatamos que a proposta por Labov (1969) foi imprescindível para que pudéssemos chegar às seguintes conclusões: a síncope nas proparoxítonas é provocada por fatores linguísticos e sociais.

Entre os fatores linguísticos destacam-se por importância, em ordem crescente: contexto fonológico precedente, traços de articulação da vogal e contexto fonológico seguinte. As duas variáveis linguísticas — estrutura silábica precedente e extensão da palavra — foram descartadas, embora analisadas.

Acreditamos que o objetivo primordial desta pesquisa, que foi registrar a forma de se expressar de uma pequena parte do povo da região Norte do Brasil, foi alcançado. Esperamos que este trabalho sirva como suporte para que possamos comparar com os demais realizados em outras regiões do Brasil e, assim, possamos traçar um quadro mais completo do apagamento da postônica não-final no Brasil.

Por ter sido um dos primeiros trabalhos da região Norte em tentar registrar este tipo de fenômeno, e pela falta de literatura especializada sobre o assunto na região, alguns dados podem, à primeira vista, não apontar alguns resultados, talvez, esperados; contudo, procuramos ser os mais fiéis possíveis no registro da coleta e obtenção dos resultados.

Finalmente, esperamos que muitas outras pesquisas concernentes a este tema possam ser realizadas na região de Jarú, Estado de Rondônia, para que a Sociolinguística possa se valer de muitas fontes de pesquisa.

Referências

- AMARAL, M. P. **As proparoxítonas: teoria e variação**. 1999. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)-Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- BAGNO, M. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2004.

- BATISTI, E. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 22, p. 69-80, 1992.
- BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edpurcrs, 2001.
- CAIXETA, V. **Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas**. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language**, v. 50, n. 2, p. 332-355, 1974.
- CLEMENTS, G. N.; HUME E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995. p. 283-333.
- GUY, G. R. The quantitative analysis of linguistic variation. In PRESTON, D. R. (Ed.). **american dialect research**. Philadelphia: John Benjamins, 1993. p. 223-249.
- GUY, G. R.; BISOL, L. A teoria fonológica e a variação. **Organon**, v. 5, n. 18, p.126-136, 1991.
- HAYES, B. **Métrical stress theory: principles and case studies**. Los Angeles: UCLA, 1992.
- LABOV, W. **The social stratification of english in New York city**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. **The logic of nonstandard english**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1969.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. The three dialects of English. In: ECKERT, P. (Ed.). **New ways of analyzing sound change**. New York: Academic Press, 1991. p. 205-254.
- MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.
- MATEUS, M. H. M. **Aspectos da fonologia do português**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca em 1922**. Rio de Janeiro: Scientifeca Brasileira, 1922.
- NARO, A.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEWERS, B. **Papers from the parassession on diachronic syntax**. Chicago: Chicago linguistics Society, 1976. p. 221-240.
- NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e (morfologia))**. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.
- PAIVA, M. C. A.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa de sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. (Ed.). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. por Marcos Bagno. São Paulo: Ed. Parábola, 2006. p. 131-149.

ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. Advances in variable rule Methodology. In SANKOFF, D. (Ed.). **Linguistic variation: models and methods**. New York: Academic Press, 1978. p. 57-69.

SILVA, K. L. L. **Vogal pretônica em João Pessoa: nasalidade e elevação**. Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE/Anais. Fortaleza: 1998. p. 353-355.

SOARES, A. S. **As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido Baiano**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica)-Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2004.

TARALLO, F. **A pesquisa socio-lingüística**. São Paulo: Ática, 1994.

VENNEMANN, T. **Preference laws for syllable structure and the explanation of sound change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.

VASCONCELOS, C. M. **Lições de filologia portuguesa**. Lisboa: Martins Fontes, 1912.

Received on January 23, 2009.

Accepted on May 17, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.